

ANNO I

SABBADO, 18 DE JANEIRO DE 1868

N. 3



O UVIDOR

FOLHA DAS

JOCO - SERIA - ILLUSTRADA
PUBLICA
REVISTAS - CARICATURAS - RETRATOS - MODAS
VISTAS - MUZICAS - ETC ETC

ASSIGNA - SE

RUA DO OUVIDOR
59 SOBRADO

PREÇOS.

CORTE	PROVÍNCIAS
Um mez	28000
Trimestre	56000
Semestre	108000
Anno	205000
Semestre	118000
Anno	215000
Aviso	500

O PAGAMENTO É SEMPRE ADIANTADO

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHE

por Amedée Achard.

Primeira parte

(Continuação.)

— « Devagar! Devagar! não tenhas pressa de morrer, porque ainda não vou desti, » disse Armando apoiando-se sobre um dos braços e tentando levantar-se.

Reinaldo abraçou-o com effusão. De La Guerche prosseguiu :

« Creio que o fio do machado bateu em falso. Chegou a pensar que ia morrer! »

— « Morrer! — Se morresses, também eu morreria, meu amigo! » disse Chaufontaine muito commovido. « Se algum dia cruzar mais minha espada com a de um De La Guerche, chama-me vil herói! » prosseguiu elle conduzindo lentamente Armando para a Grande Forte.

Mal Adriana viu seu querido primo (era assim que elle chamava Armando) empalideceu e correndo no seu encontro, perguntou-lhe :

— « Que tem? Que aconteceu? »

O mancudo abaixou os olhos e confessou que tinha escapado da morte n'uma luta singular com Chaufontaine.

— Belgrano ainda? E porquê?

— Porque tratou-te pelo nome de baptismo e assentou que estavas em idade de casar.

— E que tens com isso? disse elle, corando de leve.

— Eu... fui sei mesmo! halbucion Armando, levando a mão ao coração.

— Ah! murmurou Adriana confusa.

Se a terra se abrisse diante de Armando, elle se precipitaria affumegando no abismo. Ha pouco o destomado mancudo não tinha medo de um machado avido de sangue, e trazia agora diante do olhar de uma moça das louras!

Só então teve Armando consciência que matava sua prima.

Durante o resto do dia evitou encontrar-se com ella; conservou-se mudo durante o jantar, sem atrever-se a encaral-a e retirou-se logo depois para seu quarto, onde passou toda a noite em claro.

No dia seguinte deceu ao jardim e esperou Adriana, commovido, mas feliz, e resolvido a confessar-lhe tu-

do. A natureza parecia-lhe mais bella, o céu mais brilhante, as flores mais odoríferas, a brisa mais suave. Momentos depois viu Adriana desportar no fundo alamedas, cobrindo animo e encantando-se para elle disse :

— Querida prima, quando me perguntou hontem porquê motivo tanto me indignarão as palavras de Reinaldo, respondi-lhe que não sabia.

— É verdade.

— Pois bom, sei-o agora.

— Ah!

— Foi um sagredo que o coração revolcou-me ao espirito. Quem sabe se isto não vai indispol-e contra mim, prima? Faciencia! E do meu dever confessar-lhe tudo. Ordene quanto quizer: sous desejo serão ordens para mim.

As encantadoras faces de Adriana tingiram-se de vermelho. Sem levantar os olhos, e com as mãos visivelmente tremulas, ella começou a colher algumas flores, reunindo-as em desordenado ramilhete.

Armando depois do breve silencio, disse :

— Quiz maltar Reinaldo, porque te amo, Adriana. Minha vida está em tuas mãos e eu o ignorava; diz-me agora o coração que serrei teu até à morte. Nem se quer pensava em tal, porque vivia a teu lado, respirando o mesmo ar que respira! Mas apenas soube que outros podem também ver-te, amar-te e ambicionar tua mão, apoderou-se de mim um louco terror. Bastou uma palavra de Chaufontaine para operar este milagro! ...

— Chaufontaine!... oh, eu o detesto!

— Para que detestas-o, querida prima? Elle nunca sorriu teu esposo!... Portém outro qualquer, alguém desconhecidão talvez.... Oh! praça aos céus que eu não veja e luz d'essa dia!... Agora, que já sabes tudo, Adriana, será misto acrecentar que para merecer-lu não ha perigo que eu não arroste?

A moça ergunha os olhos. Uma chamaiva sincera os iluminava. Apertou a mão de Armando e com voz meiga e trepidada disse :

— Servi alguma dia condessa De La Guerche, ou morreu solteira.

— Santo Deus! exclamou Armando...

Não podia prosseguir. Adriana havia fugido, deixando entre as mãos o ramilhete que colbera pouco antes. De La Guerche sentiu-se transformado. Um coração varonil pulsa dentro de seu peito; entrava na vila pela radiosa porta do amor.

Tinha então Adriana dezenas annos. Dias depois via-se Armando entrar no redor da Grande Forte e embrarcar-se nas moitas; mas já não andava só, e quando

Continua na pagina 35



D. JOANNA CUYÁS



GENOVEVA CUYÁS



HECTOR MONETA



LEONOR CUYÁS



CAROLINA CUYÁS

Retrato de Héctor Moneta e de suas infelizes víctimas

(Vide o texto—pagina 29)

A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 18 de Janeiro de 1868.

A *Vida Fluminense* já não é uma simples tentativa literária.

Os dous numeros publicados firmaram-lhe uma reputação; elevaram-a à categoria dos jornais do futuro, em cuja existência se reflectiu, como no espelho da verdade, as mais importantes peripécias da vida do eclosso brasileiro.

Foram duas semanas de uma luta sem resfogo, mas generosamente recompensada pela população fluminense, que tão pressurosa attendedo ao appello, que lho foi feito.

Hoje a *Vida Fluminense*, além de contar um crescido numero de assinantes, goza, mercê de Deus, da estima geral e vê expandir-se diante de si um futuro opulento de esperanças.

Pare corresponder ao valioso auxilio, que lhe tem dispensado a população da capital do Imperio, tem a *Vida Fluminense* procurado reunir em torno a si os artistas e colhido-lhos uns distinutos e habilidosos.

Conseguido, como está, esse desideratum acha-se esta folha em estado de poder acompanhar — *pari passu* — todos os incidentes da nossa histori contempornânea.

A *Vida Fluminense* eneclará no proximo numero a publicação da galeria dos « HOMENS DO TRABALHO ».

A testa dessa pleide, que tem sabido engrandecer-se, engrandecendo o paiz, colloca elle o Exm. Sr. Barão de Itaú.

O retrato do nobre brasileiro, a quem o paiz tanto deve, acompanhado de uma biographia elegantemente escrita e onde se impõe a veridic, fazem parte do numero que distribuiremos na proxima semana.

O retrato é feito pelo desenhista especial da *Vida Fluminense*.

Sabem todos as tristes peripécias do terrível drama que cobriu de luto a infeliz familia Cuyás.

Bem penoso é para o chronicista o dever de rememorar tais factos! Mas a dupla necessidade: de unir o nosso ao solennem protesto da imprensa diaria contra tão iniquificável crime, e de explicar o desenho da primeira pagina d'este numero, tão grande nosso interesse a relatar em breves palavras tão feroz quanto curioso atentado.

Curtemos a fronte, e passemos sob a forte caudina

do dever, repetindo a phrase com que o poeta matusano fez o velho Eneas começar a triste narracão da queda de Troya:

Infundum regina jubes renocare dolorem!

No dia 5 do corrente, ao anotecer, arquivando-se na casa da rua do Rozario n.º 113, onde ha pouco habitava, a hespanhola D. Joanna Cuyás e suas tres filhas mais velhas, D. Genoveva, D. Leonor e D. Carolina.

O chefe da familia havia sahido com compagnia da filha mais moça, de dez annos de idade.

D. Joanna Cuyás estava tranquillamente recostada n'um sofá da sala de frente, quando viu entrar precipitadamente o italiano Heitor Moneta, que, depois de maltratá-la com pancadas no rosto, deu-lhe, à quima roupa, um tiro de revolver, cuja bala fracturou-lhe a clavicula direita.

Aos gritos da victimas, acudiram suas tres filhas, que todas fôrão com a mesma arma feridas pelo monstro.

D. Genoveva, de 20 annos de idade, recebeu duas balas, uma no queixo, a outra na espinha dorsal.

D. Leonor, de 16 annos, teve o pulmão esquerdo atravessado por outra bala.

D. Carolina, de 14 annos, cahio gravemente ferida no ventre.

A infeliz Genoveva, causa inocente de tão sanguinolento crime, sucumbio poucas horas depois, torturada por horríveis sofrimentos. Suas mãe e irmãs ainda vivem, e os habeis facultativos que se encarregaro de pensal-as, nutrem esperanças de salvá-las.

Deus os inspire!

Moneta, que era amigo e commensal da familia Cuyás, apaiixonou-se por D. Genoveva, com quem mostrou desejos de casar. E bastou a oposição que sofreu, para levar o malvado a derramar tanto sangue!

Moneta acha-se preso e breve sofrerá a merecida punição.

Os cinco retratos, quo publicamos no verso d'esta pagina, são copias fieis de umas photographias que nos fôrão obsequiosamente oferecidas por um amigo: por isso guardámos as senalhanças.

Realizar-se-ha depois d'amanhã, 20, uma regata na bella enseada de Batalha.

Disputarão os diffrentes premios muitos amadores e homens do mar.

Não venha o tempo com uma de suas sombras, e a festa será lindissima.

D'apai a oito dias daremos conta do ocorrrido.

O Vasques faz hoje beneficio no theatro Lyrico. Creio que não precisamos dizer mais nada.

**

A propósito de Vasques, ah! vai uma das d'ele :

- Quases são os homens que devem de preferencia marchar para o Paraguai ?
- « São os solteiros » respondeu-lhe alguém.
- Qual ! São os negociantes fallidos.
- « Porque ? » perguntarão-lhe.
- « Porque ficariam soldados os quebrados. »

**

Repetidas vezes temos recebido reclamações dos nossos assinantes de Queluz, em Minas.

Quando se resolverá o Sr. Besto, (que nome !) a entregar com regularidade as folhas que são d'aqui remetidas para a sua agencia ?

Chame-se muito embora Besto, está no seu direito ; mas não lho dê à beatisse para ahí; já ouvir missa em outra freguesia.

**

Chegou a companhia francesa, escripturada pelo emprezario do Eldorado.

Os taes pessimistas que andão ahí pelas esquinas a pregosso que estamos em crise, que não ha diuheiro, que o commercio está morto, que caminhinhas para uma bancarrota geral, bão de ver admirados que ainda estamos na verdadeira ilada do ouro (a 15 %).

E quem duvidar da, que avançamos indague se d'aqui a uns mês as tais mademoiselles, que hontem chegáron de mala vasia e trajando sorrão, não estão hoje cobertas de brilhantes e todas custosas !

E não ha diuheiro ? ! Hold se ha !

**

Anda agora na berla o nome do inspirado vate Barreto Basto.

Querem uns que elle seja o autor dos folhetins dominicais do Jornal do Comercio, sob o titulo : *Narrá serio ?* Mas vierto logo a pergunta do vate e a resposta da redacção provar que não ora *serio* este boato.

Affirmão outros serem de sua lavra os folhetins do Correio Mercantil. Para salir da dúvida, perguntei ao proprio vate, que me respondeu :

— « Pois eu havia de assignar um escripto meu assim ? »

- Assim, como ? indaguei eu.
- « Assim : pois não vê ? »

E mostrando-me o ultimo folheto do Mercantil, assinado *Ubirá*, acrescentou com aquelle sorriso malicioso que todos lhe conhecem :

— « Nem *ohl siris*, nem *oh ! carangueijos* !... O meu nome de baptismo é Barreto Basto.

Fiquei convencido.

Momentos depois retirava-me eu cantarolando entre dentes :

Que poeta que não era
Do Abreu ou cantor
Quem mais do que elle dissera
Do Zós-trás.....

quando ouvi um *Sócio* ! Voltei-me, e vi encaminhando-se para mim com as mãos no ar, (sem malicia) o portento vate, que se aproximou e me segredou ao ouvido :

- Quer saber o que é que escrevo agora ?
- Se quero ! respondi.

— São os fofoletins do Diário do Rio ; miss calada ! não o diga a ninguem; não vá comprometter-me com o Governo !

**

Poi n'uma loja maçônica quo se deu o facto quo passo a narrar :

Era noite. Os cardóis entravão ás duzias, todos de casaca preta. Tractava-se de uma filiação, cosa sempre grave para o pobre paciente e tão divertida para os executores.

O notavo, que ia ser honrado com os raios da verdadeira luz, era um vendelhão de esquina, homem honesto, gorduxo e de boa fé. Estava com os olhos vendados.

Começa a ceremonia, queria dizer — o martyrio. Escadas, poços, pinheiros, barrecoos, ferro em braza,... que sei eu ! Tudo sofreu o miserio vendelhão, resignando como um martyr.

Corria-lhe em hagas o suor pelo rosto, o peito arfava-lhe de cansaço. Já tinha sofrido muito, mas o que lhe sustentava a coragem era a perspectiva de uma excelente ceia, anunciada para o fim da provação.

Sos meia noite ; diz umha voz :

- Bastá. Tirem-lhe agora a venda.
- « Tiraram-me a venda !.... Isso nunca lhe bradou o iniciado, pensando que lhe queria tirar a sua cara de negocio.

Dicionario popular, geographico universal.

Paraty : cidade que embriga.

Escalda : rio europeu, onde os gatos tem medo de agua fria.

ACTUALI



Chegou a companhia de Eldorado.
Preparam-se para anchar



Praga da Companhia
Efeitos de uma lei



Já é tempo de ver apresentado assim
ordenado por ditaris



Consta.....



Dous viñetas que se inca-

Foram por Forca, antes talas.



A.

Catar encalhado 4 horas! De os mezes horizonte
carne e mante a bordo.



Monete grande
é queixoso de folha

LIDADES



influence.



Billone, a Deus da Guerra, não lendo muito em que se ocupar no Paraguai, diriu-se em falar sobre o cambio.



Mercantil e Finance da Rio



... e o triste do Castelo em ruínas Ramalha
é gente para a guerra!



Rrriiiii-ka ! Ra-ka ! Veux-tu bien finir de me raser



Os moradores de Castello ditados pelo Mandado.



Diligencia policial.
procura do Monetta Oh!!!!

Rúbia : cidade francesa, de cor branca com pintas pretas e redondas.

Fláquidos : patria das folhas e da Joana do Maestro Antonio Carlos Gomes.

Escócia : país muito transparente.

Lilla : cidade de França propria para viúvas do fresco.

Pão de açucar: montanha do Brazil, assim chamada por não ser nem uma nem outra cousa. Nem é pão, nem adaga.

Piza : lugar da Italia, onde ha uma torre inclinada, que se cair piza com certeza muita gente.

Melotz : nome de um povo e de uma especie de gato.

Hisia : patria das criadas ou sias, lá nos Peixes Baixos.

Baviera : bebida muito fermentada e que faz parte da Confederação Germanica.

Praga : cidade austriaca, do que Deus nos livre por muitos anos.

Um passeio no Jardim

PELO

Dr. MOÇO BONITO

(Continuação)

II

Este intrito não era lá dos mais sedutores! Tanto que as moças esfilarão meia pollegada de dedo em cada ouvido; Ambrosio riu-se a valer, Roberto e Arthur, a princípio surpresos, tornáram o expediente de rir, tão-pathetica e comicamente tornou-se a scena! não por certo, pela algarrra geral, mas pelo ar com que a impagável Brigida soltava um «sócoga menino» que era mesmo para escangalhar do riso!

Imagineem essa velha, muito velha, muito feia e muito magra, com o pescoço esticado, com o labio inferior um pollegada adiante do superior, esganicando-se em fim a mais não poder para soltar a reprimenda, que era recebida com a natural frieza diaria! E que ella não estudara a *Cartilha do padre Ignacio*, como diz um meu desfrutável colliga, que faz do pobre padre e páro para toda obra! »

Não cuide o leitor agora que eu gosto de follar da vida alheia: não senhor! Conto simplesmente o que houve e bem vê, que ás vezes, é indispensável o estudo

de certos traços, caracteristicos da parte, para facil compreensão do todo.

« Não senhor! Eu não me importo com a vida alheia.

— « Os senhores desculpem, dizia Ambrosio, virando-se para os rapazes: não ha quem possa com estes meninos, são do diabo! »

— Logo se vê, respondem Arthur entre risos.

A calma ia restabelecendo-se pouco a pouco, quando Pureza solta um grito :

— Ai! que me mata!

— Que foi, menina?

— Manduca.... que está dando beliscões na minha perna...

— Não foi por querer mande.... meutirosa! foi no joelho!...

— Eu bem digo, fala Ambrosio, o pequeno é dos diabos!

E acabou a phrase sorvendo uma pitada de rapé.

A gondola passava então pelo hospital de Misericordia e ao chegar a uma casinha de pão, que para vergonha nosse, ainda conserva a ill.^{ma} municipalidade, os cinco narizes, das moças e meninos, soltárão um fum!

lão compassado e expressivo, que dir-se-hia estudado de vespera. *

É que o fum exprimiz o mão cheiro a um mão cheiro também muito expressivo! Esse sonzal foi o preágio de nova torrente de risadas. E se lá estivesse o leitor, por certo tir-se-hia do gosto, ao ver o logro que sofrerão os nazins daqueles proximos!

Arthur aproveitando a agitação causada pelo incidente, disse a sua voz a Roberto :

— « Pois não te admitas? Tu que és o namorado da filha nem se quer entabolas relações com o pai? Move-te... anda! »

— « Folla sequerizes, que eu conservo-me na moita. »

— « É essa a tua politica? »

— « E do gabinete! »

— « Pois olha: eu, como mais tolo, vou tornar-me amigo do velho. »

E a um sorriso de Roberto :

— « Dúvidas? »

Arthur suspirou, sacou o longo da algueira, passou-o pela bosta, depois de tirar o chapéu, e tendo concluído toda essa reunião de introdução, voltou-se para Ambrosio :

— Parece incrivel que a Companhia de Egito este trate de sonar este mal.

— «É' exacto, retorquia Ambrosio, e pena que uma Companhia d' aquella ordem.... olhe, meu caro senhor ainda hontem contou-me o meu compadre Vicente de Moura, morador lá para as bandas do Sacro e respeitável commerciante do generos, que um pobre trabalhador, tondo cahido n'um dos canos do esgotos, foi puxado pela máquina e saiu só o puro como um pérola !

— «Chi ! » exclamaram os meninos arrogando os olhos.

— «Safa ! Ponho-lhe embargos ! » disse Arthur.

— «Pois é facto ! Chamo o compadre para testemunha.... vossas ouvidas, meninhas, o que disse o compadre ? »

— «Ora, papai... » respondeu Josephina.

Guilhermina roia as unhas e Pureza disse para os irmãos :

— «Que fingida ! »

— «Ela não respondem por luxos ! Quando atei-mato, ninguém pôde com elas ; é malhar em ferro frio ! É' exacto ou não ? A moda que o senhor não responde... hein ? E' solteiro, não ? »

— «Sim senhor » respondeu Arthur.

— «E o senhor também ? »

— «Para servil-o, alinhau Roberto.

— Estou no matto !

Guilhermina e Josephina requebrando os olhos a mais não poder jurarão a seus Deuses conquistar aquelles dous corações. Ah ! filho do seu José de vinda ! Como começas a ser vilipendiado ! A tua Josephina já nem se lembra de ti !

Os rapazes começaram a desfazer-se em gracas, porque querido, porque fariam profissão de namorar, mesmo porque não tinha outro ofício... ora bolas, temos conversado !

As moças requebrando-se todas, fazião olhos de piedade, de Magdalena arrepenida, umas vezes tristes, outras risonhas !

Também quando uma moça revira os olhos... quando olha de certo modo !... Então é que a gente não pôde com elas ! Eu não sei o que tem olhos de moça ! Tive medo do uns, oh ! tanto medo que não me animava a olhar para os olhos ! Hje marro por esses olhos, mas... não posso ! Silêncio, que o leitor é capaz de tomar-me contas !

Ora... também a gente não tem culpa. Quando um menino chega aos 5 annos, diz a mamade, a ama, a prima, a irmã, endiias não importa quem :

« Nhônhô, vossa querer-se casar com esta moça ?
O menino, coitadinho, mette o dedo na boca e começa a chupal-o, todo cheio de vergonha e pudicicia !
Umas vezes diz-se logo .

— « Ora venha cá o meu noivo ! Como está bonitinho ! »

E o menino então chupa o dedo, chupa, que mette do !

Outras vezes é uns menina da mesma idade, mais volva, ou mais moça, o nhônhô, quando bispa-a, tem excessos de vergonha, esconde-a atrás das portas, embrulha a cabeçinha nos vestidos da criada e por fim vai-se approximando, com a cara encoberta, mas olhando de esquulta, choia de pudor e todo timorato ! D'ahi a meia hora, vão procurar-es que estão na mais cordial intimidade !

— « Não quero ! me larga ! eu não gosto d'ella ! »
E depois lambe-se quando conversa com a menina, quando oferece uma bôr, quando dá a melhor parte dos seus doces e bôlos, quando brinca com essa mesma menina que meia duzia de annos depois, ainda de calças e perminha de fôra, tores o nariz ao pobre nhônhô, trata-o do resto, olha por cima do homem, tanto se sente usana em rocecer a côrte de uma esterwa de namorados, meninas como elas, bem entendido, nos quais o orgulho dê qualidades e prerrogativas de homem !

Roberto, Arthur e as moças não desmentiu essa proverbial condição annexa à educação do nossos dias. E cumpram á risca, sendo omni mais requisitos, as disposições preconisadas na infancia !

(Continua.)

Perguntas enigmáticas.

Quais são as terras que se compõe de meia duzia de mulheres ?

Qual é o nome do homem que é religioso no princípio e bêbedo na fin ?

Qual é a flor que junta à segunda pares do presente indicativo de um verbo podendo ser condonado á sposo-te ?

Qual é a fruta do Brasil que precedida de uma dezena torna-se desenrada ?

Qual é o adverbio de lugar que encravado entre uma nota de musica e uma porção de agua corrente constitue homicídio ?

Qual é o ponto cardinal que trazido sobre o corpo representa uma combinação chimica ?

Qual é a nota musical que appensa a uma bebida do Brasil designa terminação ?

Em que se parece uma letra de canhão com um empregado politico ?



Notícias da Europa — QUESTÃO ITÁLIA

— Vamos! Tira já d'ali aquele bicho, quando não ponho-te no andar da rua!...

um suspiro de alegria arfava seu peito, respondia-lhe um delicioso sorriso da sua encantadora prima.

Reinaldo, por sua parte, foi o homem que dera a palavra que dera a Armando, e, por mais desejos que tivesse de perseguir um huguenote, nunca mais provocou seu amigo. Continuou a chamar-o sempre herete, mas com tanta assiduidade que não dava margem ao menor protesto para repressões. De La Guerche vingava-se acusando-o de ligueiro.

CAPÍTULO IV

EM QUE CARQUEFOU ENTRA EM SCENA

Vivido, pois, os dous mancebos em perfeita harmonia; mas quando Reinaldo cansava-se de viver em plena paz, flacea muito admirado de ter passado oito ou dez dias sem dar nome nem uma ojejada, e declarava logo guerra a certo rapagão, conhecido por Carquefou.

Este Carquefou era, pouco mais ou menos, da idade de Reinaldo, porém muito alto para os annos que contava. Filho de um arcabuzeiro-pobre, tornou-se breve no-tavel pela sua originalidade, fingindo ter medo de tudo.

— E dos carneiros também? perguntou-lhe uma vez Reinaldo.

— «Eles tem chifres, Sr. marquez!» respondeu elle e acrescentou em fórmula de maxima: «Quem não se expõe, arrisca-se; quanto mais quem se expoê!»

Entretanto, quando chegava o momento do perigo, Carquefou batia-se como um tigre.

Nunca houvera n'aqueles paragens pessoa alguma cujo proceder pitisses em mais desbarmonia com as palavras; quando elles diziam sim, respondido as ações não. Virão-o um dia partiu com um volto acentuado no horário direito, uma faca de ponta e um par de pistolas à cinta, e uma ovelha debaixo do braço esquerdo. Era no inverno.

— Holá, Carquefou! Onde vais com toda essa tralhada?

— «Ando negociando em ovelhas», disse elle apressando o passo.

No dia seguinte, pela madrugada, voltou curvado sob o peso de quatro ou cinco lobos que matara. Rodaram-o, os amigos; choravam as perguntas. Carquefou contentou-se em responder:

«Ellas comendo minha ovelha, mas derão-mo um pagamento todas estas peltas. Não é ando negocie; cinco lobos por um carneiro, e não entrão em conta os feridos!»

Reinaldo admirado questionou-o:

— Então já não tens mais medo?

— Pelo contrario, Sr. marquez; se fui até o medo que me obrigou a passar a noite fora de casa! Os vivos destes malditos animais não me deixavam pregar olho. En-

tre os lengões eu tremia de terror: foi por isso que resolvi matá-los para não ter mais medo á noite.

— Devrias ao menos prevenir-me. Iriamos ambos, e a encosta seria melhor.

— Pois sim! Se eu esperasse mais uma só noite morris de susto. Os tractantes vinham barrar mesmo por baixo das minhas janelas. Cheio de terror, armei-me, arrisquei uma ovelha para servir de isca; fui esconder-me num barranco escuro. Eu tremia como varas verdes! A ovelha teve a imprudencia de gritar e logo chegaram a galope os bondilhos de quatro pés. Apontei para o meio do grupo; fechei os olhos e puxei o gatilho da arma, que estava carregado até a boca com pregos e quanto estilhaco ha. Todos os lobos gritaram; não sei como não morri de medo. A custo entreabri os olhos e vi dois estendidos no chão e um terceiro pulando como um posseio; este tinha um prego dentro da barriga, o que parecia contrariar-o davera. Um quarto, que exellente filão que era! querendo vingar a morte de seu pai, atirou-se sobre mim. Com um tiro de pistola fiz-o cair morto, sem que tivesse tempo para agredir-me a finzca. Os parentes dos mortos formaram um concílio; o opinião uns pela retirada, outros clamavam: vingança! Reciando que viessem ao meu encontro, sahi do escondrij o atirei-me sobre elles com a faca na mão direita e a pistola na esquerda. Sem querer disparei o armo, cuja bala esmigalhou a cabeça de um dos mais aclarados oradores. Com a faca na mão dei as costas dos outros, enquanto quererá divertir-se comigo. Aqui está como foi. Mas que grande medo que me pregarão os malvados!

— «Magnifico!» bradou Reinaldo. «Porem como é que alias esse medo que dizes ter, com essa bravura de que acabas de dar tão eloquente prova?»

— É tudo medo! Quando um perigo me ameaça, sinto tal terror, que atiro-me a elle de cabeça baixa, só para não vê-lo.

— Que grande original!... Estás bem, meu rapaz, hei de curar-te do medo e tornar-te valente, quer quiseras, quer não.

— Pois sim! Perde seu tempo, Sr. marquez. Mais facil lho seria ver o sol á mesa noite.

E desde logo Reinaldo, não podendo mais brigar com Armando, esculreu o honrado Carquefou para seu adversario íntimo.

Contar as vezes que luctarão seria impossivel. Carquefou tinha braços de ferro; mas Reinaldo tinha músculos de aço. Carquefou era sempre quem cedia, para voltar no dia seguinte mais tenso do que na vespresa.

Reinaldo dia-lhe todos os dias:

— Ah, se fosses huguenote, com que prazer não te converteria eu!

(Continua.)

Por causa de um eixo quebrado*[Legenda]*

Era uma dessas noites tempestuosas, que passam, às vezes, por cima de nossas cabeças, apertando-nos o coração, com que saímos o motivo, e ameaçando ser diluvio talvez, se, em toda a humanidade, podesse ser encontrada nôa; uma Nôa e alguns Noézinhos, dignos de salvagão.

As estrelas, ou por medo, ou por preguiça, tinham ficado agasalhadas em seus leitos do setim azul, frangidos do branco, e não ousavam mostrar a ponta da nariz, para não sentirem o perfume do queijo. Não sei se coherem o tal dito de lehado. No caso afirmativo, entendem-me: *no contrario, fico em jejum.*

O sol, que, do seu observatorio, estuda todos os phenomenos da atmosfera, prevendo a tempestade, recolhêr-se mais cedo e dormir a bom dormir, nos braços de alguma estrala menor estra, ou do *demi-monde*. Devem adivinhar que nem todas as estrelas podem pretender o premio de virtude ou a grinalda de rossive. Cá é lá más fadas ha. Entenderemo?... Pois está lá claro, e há tantos exemplos no Alazar!

A lúa, pobre velhota, cheia de enfermidades gotosas, mas não gostosas, temendo alguma molhadela, que lhe agravasse o rheumatismo, mandou um atestado de medico ao director do theatro astronomico, trouou a costumeira mistura de carregos de marinello, e mandou fechar a porta da cura e pegar o gáz da escenda. Se lho batesssem, o guarda-portão tinha ordem de declarar que estava resolida com um ataque de erysipela. Pois também não entenderão? N'esse caso, sim, senhoras, e.... adiante.

Um ventosinho, semelhante a outro ventosinho, que na tempestade passada havia zunido por cima dos telhados da humanidade, soprava com ar de quem chupa pra sua bomba de miste, depois da cuia vazia, e assobiava numa canconeta luciferana pelas embocaduras das ruas, à guisa dos trovadores de violão e chincela, cuja farta é sentido pelo mariscal de Passo-Pach. Atinha não? E, no entanto, estava esmorecendo para gente, que sabia ler! O contrario era asucira.

Os lampões de gaz, cobertos de poeira, e com vidros de fumaca para não incomodarem os noctambulos, assistiu, quédos e resignados, ao espetáculo que encenava a ser representado, arrpendidos do terem saído de casa sem guarda-chuva; mas nem todos são ingleses para traz-rem o classicco e inseparável *umbrella*. Agora, isto está tão claro, quezor de tratar-se de uma nôula escura, que ninguém será capaz de jurar que não entende.

Isa para o Pedregulho.

O Pedregulho d..., o Pe-fregulho. Gostos das definições transparentes e que digão o que é o coiso.

Não via nua polegada adiante da abo do chapéu.

Re repente, um carro fustigado pela tempestade ou pelo furor do cochimim, passou por diante dos meus olhos. Mais duas luasq's é ter-se-his sumido.

Ouve um barulho, o carro parou, e no mesmo momento alguém tentou saltar pela portinhola. Vi apena sua perna, envolta em una meia de suds cor de rosa, e finalizada n'uma batina de setim celeste.

Tinha-se quebrado o eixo do carro.

— Oh! meu Deus, porque não petrificaste, nesse instante, carro, rocheiro, animais e esse perna, que não podia ser de homem, apostó?

O relâmpago, que me facilitaria a contemplação desse qualor cõe de alma descriptiva (com licença do illustre garciano) apagara-se e tudo ficaria em trovas.

Cori para o carro... estava vazio.

Por onde desapareceria esse perna, que não era de pôlo, nem de presunto, e nem de jongo!

E o que ignoro até hoje.

Desde essa noite fatal, quando saio a passeio, é ouço roncar trovoadas e não vejo estrelas, desejo que todos os carros que encontro quebreiam o eixo, a fin de ver, outra vez, essa perna que tanto me consome. Debalde! I Paz-me isto lembrar a cara de alforria dos cães... E até agora, nada!...

Tenho concluído que os eixos dos carros do Rio de Janeiro são muito solidos.

Já que concluo, acaba.

A VIDA FLUMINENSE

Os proprietários deste semanário publicam anúncios ilustrados pelos preços seguintes:

Meia pagina com desenhos a lápis ou a pena: 300000

Página inteira: 500000

A pessoa que encomendar um anúncio ilustrado de 1/2 pagina terá direito, além da publicação no corpo d'este jornal, a receber em avulso com exemplares do mesmo anúncio sobre papel branco.

Aquele que encomendar um anúncio de página inteira receberá 150 exemplares do mesmo anúncio sobre papel branco e de cores, e terá igualmente direito a publicação do sustractado anúncio.

Anúncios escritos -- 120 réis a linha.